

# OS DESAFIOS DO COMÉRCIO EXTERIOR

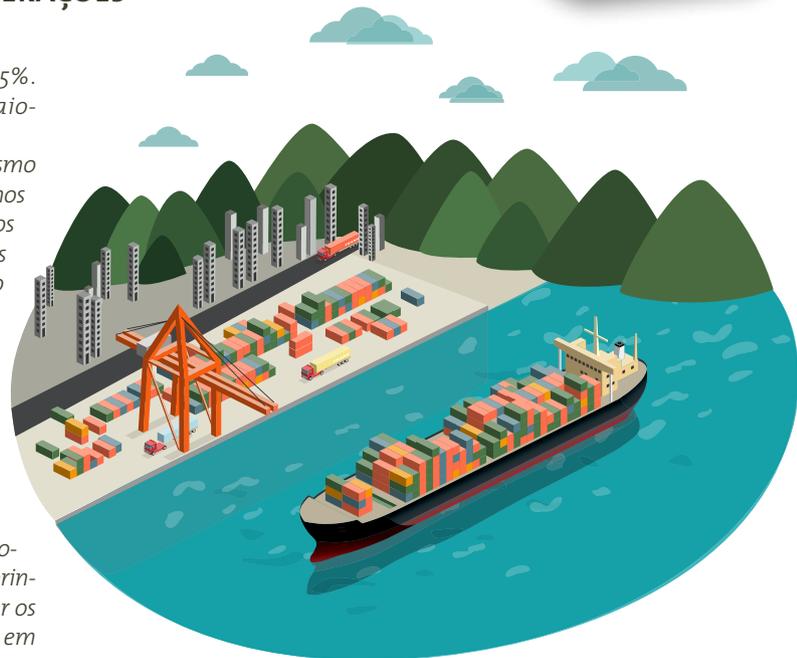
O BRASIL CRESCE SUA CORRENTE DE COMÉRCIO, MAS AINDA HÁ ESPAÇO PARA MELHORA, COMO A SIMPLIFICAÇÃO DAS OPERAÇÕES

A corrente do comércio, apenas no último ano, cresceu 25%. É importante lembrar que o Brasil ocupa posição dentre os 30 maiores exportadores e importadores mundiais.

A balança doméstica tem mantido o saldo positivo na conta, mesmo com a crise internacional, resultado da descentralização dos destinos das exportações. No entanto, tem acumulado resultados inferiores aos de 2011. Até outubro, as exportações somavam US\$ 202,359 bilhões e as importações US\$ 184,988 bilhões, com a corrente do comércio somando US\$ 387,348 bilhões. Os números representam recuo de 31,6% no saldo em comparação a igual período do ano passado, motivado pelo maior aumento das importações em relação às exportações.

Embora o comércio diversifique os destinos, a pauta de exportações ainda é concentrada, com apenas três setores de produtos (alimentícios, extração de minerais metálicos e agricultura e pecuária), representando mais de 40% do volume exportado em 12 meses.

Nesse sentido, apesar de ter galgado degraus importantes, o Brasil ainda tem muitos desafios pela frente, tais como continuar com o processo de simplificação das operações de comércio exterior, facilitando principalmente as exportações das pequenas empresas, precisa aperfeiçoar os instrumentos de defesa comercial, diversificar a pauta exportadora, em especial a de produtos de maior valor agregado.



pág. **02**

## TRABALHO

Falta de mão de obra qualificada: problema antigo



pág. **03**

## CONJUNTURA

Energia elétrica e combustíveis pressionam inflação



pág. **04**

## FINANÇAS

Veja o balanço e as perspectivas de investimento para 2013



# QUALIFICAÇÃO DA MÃO DE OBRA



INVESTIMENTO NA EDUCAÇÃO É SAÍDA ESTRUTURAL PARA A FALTA DE PROFISSIONAIS QUALIFICADOS

Interessante a recente notícia de que o governo quer facilitar o acesso e estimular a permanência prolongada de trabalhadores estrangeiros qualificados no Brasil. Para tanto, grupo de trabalho interministerial, sob a coordenação da Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE), estuda medidas para a formulação de nova política migratória, em substituição ao antigo Estatuto do Estrangeiro, considerado anacrônico, visando a desburocratização e a simplificação de exigências a profissionais atuantes em setores estratégicos, condição para elevar a competitividade da economia.

Consequência desse esforço governamental, o programa “Brasil de Braços Abertos” seria o veículo para esse processo. Na visão da SAE, como ocorre em todos os países desenvolvidos, o Brasil precisa de uma política imigratória que considere determinadas funções cruciais para o País – como engenheiros para o setor químico, de petróleo e de gás, e também técnicos especializados em inovação tecnológica, que deveriam receber um tratamento diferenciado do ponto de vista da imigração.

Como ponto de partida, não se discute o diagnóstico, ou seja, a elevada carência no tocante à escassez de mão de obra, sobretudo a qualificada; muito menos a iniciativa governamental de buscar solução para o grave problema da qualificação profissional. Ao contrário, como tem apontado institutos de pesquisa e especialistas, faz-se necessário formular política sem burocracia e mais ágil, capaz de neutralizar o avanço da incapacidade produtiva que impede ganhos de eficiência e amplifica pontos de estrangulamento, em detrimento da competitividade. E esse é um ponto vital a se considerar, em nome dos interesses maiores do País.

Mas, em contrapartida, também não se pode perder de vista o fato de tratar-se de um problema antigo: a história, as implicações e os desdobramentos sobre a escassez de profissionais com qualificação, revelam o longo período em que se afronta as necessidades do País, limitando suas potencialidades.



No Brasil, muito se fala em políticas e projetos, mas predominam pacotes, realçam-se os investimentos, mas pouco se poupa em termos públicos e privados, estimula-se o crescimento econômico, mas impõem-se freios e ônus diversos ao setor produtivo. No plano do Estado, agente a quem cabe atuar como indutor da atividade econômica, as ações de governo apenas miram o curto prazo, por meio de medidas geralmente reativas, muitas das quais derivadas de avaliações setoriais e de reivindicações do empresariado.

A busca incessante do crescimento econômico não pode avançar sem a formulação harmoniosa de políticas integradas e complementares. E a qualificação da mão de obra não é causa, mas sim consequência do acúmulo de equívocos no tempo, merecendo citação: os irrele-

vantes investimentos em educação, explicando a precariedade sobretudo do ensino público; a ausência de projetos para o desenvolvimento científico e tecnológico; o aporte de recursos para financiamento e/ou subvenção de programas de inovação tecnológica; a criação e disponibilização, por meio de critérios técnicos, de cursos profissionalizantes, nos moldes e de preferência nos padrões dos produzidos, por exemplo, pelo Senac e Senai.

Para concluir, o governo federal precisa atuar nessas frentes, com uma postura proativa e determinada. A formação e a capacitação de mão de obra qualificada dependem desses ingredientes para que sua expansão se consolide e venha a atender ao menos parte das necessidades quantitativa e qualitativamente demandadas pelo setor produtivo.

# AS INCÓGNITAS PARA A INFLAÇÃO EM 2013



## A ENERGIA ELÉTRICA E OS COMBUSTÍVEIS PODEM PRESSIONAR CUSTOS NO PRÓXIMO ANO

Apesar de o consenso apontar para uma inflação doméstica em 2013 em ritmo de alta semelhante ao que vem ocorrendo neste ano – inflação corrente e expectativas inflacionárias acima do centro da meta estipulada pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) de 4,5%, uma série de incógnitas neblinam o cenário. O último boletim Focus aponta que o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) deve ficar em 5,4% em 2013, próximo do projetado para 2012.

Dentre os preços administrados, as dúvidas permeiam, basicamente, as tarifas de energia elétrica e os combustíveis. No primeiro caso, há incertezas se o governo conseguirá ser bem-sucedido em colocar em prática a redução das tarifas da conta de luz a partir de 2013. A proposta de renovação dos contratos de concessão do serviço é tida como intervencionista. Em tempo, estimativas apontam que as tarifas para as grandes empresas consumidoras (alta tensão) devem cair entre 19,7% e

28% e para os consumidores residenciais cerca de 16%. Quanto aos combustíveis, a Petrobras vem indicando que o preço da gasolina pode sofrer novos reajustes nos próximos meses. No caso dos choques de oferta, as incógnitas giram em torno do tamanho do efeito indireto da redução do preço da energia elétrica e da desoneração da folha de pagamento sobre a inflação, bem como a dimensão da devolução do repique inflacionário dos preços agrícolas observados em meados de 2012.

## CONTRIBUIÇÃO SINDICAL PATRONAL OBRIGATÓRIA

# EU PAGO PRA VER!

## CONQUISTAS, CONHECIMENTO, FORÇA, DIREITOS, SERVIÇOS, PRODUTOS, FACILIDADES, VANTAGENS, CRESCIMENTO, DESENVOLVIMENTO E REPRESENTATIVIDADE.

Quem paga a contribuição sindical patronal obrigatória, paga pra ver tudo isso. Sabe por quê?

Na defesa dos seus direitos? Seu sindicato está lá. Na luta pelos seus interesses? Só dá ele. Nas negociações coletivas? Ele, é claro. Na busca por serviços que facilitam seu dia a dia? Nem precisa responder.

Seu sindicato realiza tudo isso e muito mais, por causa de um detalhe importante, ele é feito por empresários como você.

**Empresário, pague sua contribuição sindical patronal obrigatória até 31 de janeiro.**

# BALANÇO DE FIM DE ANO

PARA 2013, A OPÇÃO DE INVESTIMENTO QUE DEVE ATRAIR NOVOS POUPADORES É A BOLSA DE VALORES



O esporte favorito de fim de ano é o balanço geral. Empresas fazem balanços de seus resultados e projetam cenários para o ano seguinte, cada área de negócios reúne seus colaboradores para projetar metas. Até mesmo famílias fazem seus balanços informais. Nada de especial vai ocorrer entre 31 de dezembro e 1º de janeiro, mas é natural que se obedeça algum critério cronológico para planejamento empresarial e mesmo pessoal, e parece bastante lógico que esse parâmetro seja o ano do calendário gregoriano.

Aproveitando o momento de balanços e projeções, o texto do **Economix**, voltado para investimentos, entra na onda, faz breve retrospectiva do ano e sugere alguns cenários para 2013, de forma bem simples e esquemática.

Retrospectiva de 2012 para aplicações e investimentos:

1. Os juros básicos (Selic) foram reduzidos ao longo de 2012 para seu menor patamar histórico: 7,25%.
2. A inflação ficou acima do centro da meta, quase estável em 5,5%, acumulada em 12 meses.

3. Com essa combinação de juros em queda e inflação resistente e relativamente alta, as aplicações em renda fixa no ano vão render em termos reais algo entre 0% e 1%, a depender do volume aplicado e da taxa de administração dos fundos.

4. A poupança teve seu critério de remuneração alterado justamente para que o governo pudesse manter a redução da Selic sem que isso acarretasse na maciça migração de recursos de fundos de renda fixa para a caderneta de poupança.

5. Houve alteração que restringiu ou encareceu a entrada de capitais estrangeiros no Brasil, o que acarretou em esperada desvalorização cambial.

### Projeções para 2013

1. Em tese, com a redução de juros nominais, a opção de investimentos que deve atrair novos poupadores é a Bolsa de Valores.
2. Renda fixa deve manter remuneração real próxima a zero.
3. Aplicações em câmbio podem ser interessantes, pelo menos para uma parcela

dos recursos do aplicador, haja vista que, se o governo não acenar aos mercados que reduzirá seu grau de intervencionismo, não se descarta uma fuga de capitais, que propiciaria uma alta no dólar.

O problema com essa lógica toda é que a interferência do governo sobre mercados e empresas, como as do setor elétrico e de petróleo, causa muito desconforto. Ou seja, apesar de tudo indicar que o mercado acionário seria opção, ainda há fortes dúvidas quanto à capacidade que o governo terá de fazer um mea culpa e reduzir o grau de intervenção sobre os mercados. Se o governo fizer esse mea culpa, o quadro para o Ibovespa será muito positivo, até porque foi exatamente a interferência inconveniente do setor público sobre alguns setores e empresas que deprimiu muitos preços de ações.

Uma mudança de direção significaria, portanto, uma recomposição da confiança dos investidores no País e nas empresas, que certamente redundaria em rápida recuperação de alguns preços, como da Petrobras ou das empresas de energia elétrica. As decisões, portanto, dependem muito de como cada indivíduo ou empresa acredita que o governo se comportará no ano que vem: se aprendeu com os erros ou vai acentuar ainda mais a teimosia e desconsiderar as opiniões do setor privado e dos mercados. Vale lembrar que dinheiro não tem ideologia, e que não há entrada ou fuga de capitais punitiva a um ou outro país. Esse fluxo de capitais está e estará sempre vinculado a fatores objetivos, como risco e retorno esperado. Cabe ao Brasil reduzir de forma significativa as incertezas que foram geradas desnecessariamente.

**ECONOMix** FECOMERCIO SP  
Representa muito para você.

**PRESIDENTE:** Abram Szajman

**DIRETOR EXECUTIVO:** Antonio Carlos Borges

**COLABORAÇÃO:** Assessoria Técnica

**COORDENAÇÃO EDITORIAL E PRODUÇÃO:**

Fischer2 Indústria Criativa

**DIRETOR DE CONTEÚDO:** André Rocha

**EDITORA EXECUTIVA:** Selma Panazzo

**EDITORA ASSISTENTE:** Denise Ramiro

**PROJETO GRÁFICO E ARTE:** TUTU

**FALE COM A GENTE:** [economix@fecomercio.com.br](mailto:economix@fecomercio.com.br)

Rua Dr. Plínio Barreto, 285 - Bela Vista - 01313-020

São Paulo - SP - [www.fecomercio.com.br](http://www.fecomercio.com.br)